

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

O Matriarcado Kapenda na Lunda: interpretando croquis do colonialismo português no Ensino de História da África

Lucas Ribeiro de Andrade, Vitória Massami Kikuti, Isaac Marques de Souza Garcia, Elaine Ribeiro

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17164>

Submetido em: 2026-07-28

Postado em: 2026-10-19 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

O Matriarcado Kapenda na Lunda: interpretando croquis do colonialismo português no Ensino de História da África

The Kapenda Matriarchy in Lunda: interpreting sketches of Portuguese colonialism in African History Teaching

Lucas Ribeiro de Andrade

Discente do curso de História da UNIFAL-MG e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: lucasribeiro.andrade@sou.unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6437-5488>

Vitória Massami Kikuti

Discente do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e bolsista FAPEMIG BDCTI – Nível III, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: vitoria.kikuti@sou.unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2607-6606>

Isaac Marques de Souza Garcia

Discente do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e bolsista FAPEMIG BDCTI – Nível III, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: isaac.garcia@sou.unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4948-917X>

Elaine Ribeiro

Professora doutora da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Coordenadora do projeto Mukanda Histórica Digital, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: elaine.ribeiro@unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3703-4426>

RESUMO

O artigo propõe o uso crítico do croqui de localização *Expedição Portuguesa ao Muata Yanvo: croquis do Itinerário seguido pela expedição do Cuango ao Cuilo e ramificações ao Nizavo e Mu-Shá-éla em diligências de carregadores* para ensinar sobre as estruturas sociopolíticas da população Kapenda, na Lunda, levando em conta as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A metodologia de análise adotada no estudo do croqui consistiu na leitura intersticial (Ribeiro, 2013) e no cruzamento das informações com outros materiais produzidos pela Expedição Portuguesa ao Muatiânvua (1884-1888). O trabalho com a fonte em sala de aula envolve interpretar informações como relevo, vegetação, altitude e disposição das aldeias Kapenda, o que colabora para demonstrar um matriarcado

estruturado em torno de Mona Samba Mahango. A proposta didática é indicada para o 3º ano do Ensino Médio.

Palavras-chave: Matriarcado, Kapenda, Lunda, Ensino de História, Croquis

ABSTRACT

The article proposes a critical use of the location sketch *Expedição Portuguesa ao Muata Yanvo: croquis do itinerário seguido pela expedição do Cuango ao Cuilo e ramificações ao Nizavo e Mu-Shá-éla em diligências de carregadores* to teach about the sociopolitical structures of the Kapenda population in the Lunda region, taking into account the guidelines established by Brazil's National Common Curricular Base (BNCC). The methodology adopted for the analysis of the sketch consisted of reading the interstices of the source (Ribeiro, 2013) and cross-referencing the information obtained with other materials produced by the Portuguese Expedition to Muatiânvua (1884–1888). Classroom work with this source involves interpreting information such as relief, vegetation, altitude, and the spatial distribution of Kapenda villages, which helps demonstrate a matriarchal structure organized around Mona Samba Mahango. The teaching proposal is intended for students in the third year of Brazilian secondary education.

Keywords: Matriarchy, Kapenda, Lunda, History Teaching, Sketches

1. INTRODUÇÃO

Apesar da importância da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de histórias africanas e afro-brasileiras no contexto escolar, os conteúdos relacionados à África ainda esbarram em problemas que inviabilizam sua implementação plena. A falta de fontes sobre o continente africano para os professores da Educação Básica, somada à um currículo hegemônico que prioriza temáticas ligadas ao cotidiano dos estudantes, são alguns desses problemas.

Devido a falta de fontes que tratam das especificidades da sociopolítica desenvolvida pelos africanos, há a possibilidade de contribuirmos com um modelo didático que ignora a complexidade dessas epistemologias africanas no Ensino de História da África. Assim, sob a perspectiva da história mundial, o continente africano pode ser tratado como um acessório da colonização europeia. Tendo em vista esse problema, produzimos a proposta didática que detalha como usar fontes coloniais para trabalhar o matriarcado Kapenda no contexto do colonialismo português na África.

Para isso, propomos que tanto o contexto sociopolítico europeu, como o contexto Kapenda, sejam abordados em sala de aula na dinâmica curricular que trata do Imperialismo. A fonte sugerida para fazer a análise conjunta do povo Kapenda consiste no croqui *Expedição Portuguesa ao Muata Yanvo: croquis do Itinerário seguido pela expedição do Cuango ao Cuilo e ramificações ao Nizavo e Mu-Shá-éla em diligências de carregadores*.

Pretende-se que a discussão em sala de aula seja feita em torno da competência específica 2 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estipula ser necessário: “(EM13CHS203) Comparar os significados de território, fronteiras e vazios (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo)”.

Para alcançar esses objetivos, o artigo está estruturado nas seguintes seções: Primeira, a análise da fonte e sua crítica: onde apresentamos o documento e, por meio de sua análise, demonstramos como pensar os Kapenda no Ensino de História e, segunda, a Proposta de Aplicação Didática: utilizamos o Formato Tabela, estruturado em Etapas, Recursos e Avaliação, com um passo a passo de como usar a fonte analisada em sala de aula.

2. UM MATRIARCADO NOS CROQUIS

“Os croquis de localização não chegam a ser definidos como mapas, já que não exigem o uso de técnicas em sua elaboração”. É assim que a geógrafa Maria Nóbrega (2007), define os croquis, não como uma representação exata do espaço, mas como modelo simplificado. Mesmo assim, a autora enfatiza o potencial dos croquis no Ensino, já que eles podem “ativar as funções psicológicas superiores como a percepção, atenção e a memória, garantindo os processos de internalização dessas funções [...]”¹.

De fato, o foco é essencial na análise do croqui que apresenta dados diversos sobre a população Kapenda, em especial a informação de que eles habitavam as regiões próximas às margens do rio Kwango na atual província da Lunda Norte, em Angola.

A análise dos detalhes da representação gráfica contribui para entender a organização social e política da população nos anos iniciais do colonialismo português na região. Observamos que a sociopolítica desse povo é estruturada a partir da integração com demais populações em um espaço histórico amplo, chamado de Lunda. M'Bokolo (2009), por exemplo, definiu a Lunda como um “lugar de convergências”, tendo em vista as múltiplas e complexas tradições orais de longa duração que organizavam as populações. É devido a sua organização em torno dessas tradições que várias populações se tornaram aparentadas ou se diferenciaram ao longo dos anos em função da oralidade. O que concede à Lunda a característica de “grande abertura aos fluxos de todas as qualidades, demográficos, culturais e comerciais”².

Sua origem, no entanto, ainda é incerta. Possivelmente, ela se deu entre os séculos XVI e XVII e, em tempos próximos ao século XIX, chegou a abranger a atual tríplice fronteira entre Angola, República Democrática do Congo e Zâmbia. As datações específicas da população Kapenda são ainda menos conhecidas. Apesar disso, no século XIX, o croqui representa um povo organizado em função de um matriarcado já estabelecido e com a figura central sendo Mona Samba Mahango.

A partir disso é possível reduzir as lentes e identificar no croqui português a complexidade dos sujeitos antes inviabilizados como produtores de conhecimento. Portanto, desestruturando o viés civilizacional que embasou a colonização da África.

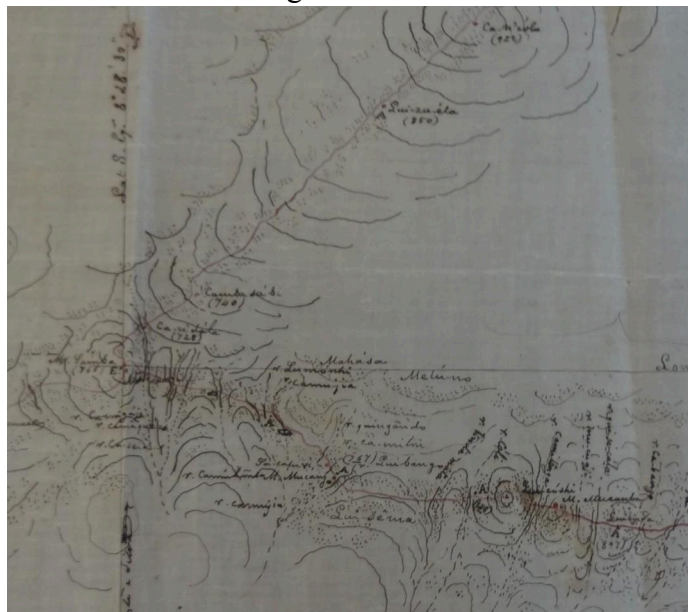
A fonte em questão, o croqui *Expedição Portuguesa ao Muata Yanvo: croquis do Itinerário seguido pela expedição do Cuango ao Cuilo e ramificações ao Nizavo e Mu-Shá-éla em diligências de carregadores*, atualmente, está armazenado no Arquivo

¹ NÓBREGA, Maria Luiza Sardinha de. *Geografia e Educação Infantil: os croquis de localização – um estudo de caso*. São Paulo: Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 2007, p. 120.

² M'BOKOLO, Elikia. Os “reinos da savana”. In: *África negra: história e civilizações*. São Paulo: Casa das Áfricas, 2009, p. 552.

Histórico Ultramarino (AHU) e foi acessado de forma digital através do arquivo pessoal da orientadora do estudo, Elaine Ribeiro. Ele representa informações geográficas de forma sintetizada sobre alguns territórios da Lunda, partindo do rio Kwango ao rio Cuengo, devido ao interesse de Portugal em ocupá-los. Estão na fonte dados diversificados que vão desde latitude, longitude, altitude, vegetação e relevo até informações sobre a disposição da população Kapenda no território.

Croqui 1 – Expedição Portuguesa ao Muata Yanvo: croquis do Itinerário seguido pela expedição do Cuango ao Cuilo e ramificações ao Nizavo e Mu-Shá-éla em diligências de carregadores



Fonte: Croqui de Henrique de Carvalho sobre a região entre os rios Cuango e Cuengo. AHU.

O croqui demonstra as informações através de concentrações de riscos em sentidos diversos: com traços retos, curvados, mais fortes e mais fracos. Além disso, os traços podem ser alongados ou encurtados, também apresentando pontilhados comuns e vermelhos. A partir do cruzamento de informações com a obra de Henrique de Carvalho (1892), foi possível identificar que os traçados representavam “profundos valles e elevadas serras que se sucedem desordenadamente umas às outras, e marginando riachos e rios, que em curvas mais ou menos apertadas vão affluir ao largo e caudaloso Uhamba [...]”³.

³ A obra em questão é o segundo volume de quatro obras onde Henrique de Carvalho narra a viagem ao Muatiânvua, na Lunda. CARVALHO, Henrique A. D. de. *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua*. Descrição da viagem á Mussumba do Muatiânvua pelo chefe da expedição Henrique Augusto Dias de Carvalho. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892, vol. II (Do Cuango ao Chicapa), p. 45.

Além dos traçados, a representação gráfica também apresenta pontilhados que, por sua vez, definem as regiões de florestas. Já as linhas em vermelho identificam o trajeto percorrido pela comitiva liderada por Henrique de Carvalho.

Ao verificar o croqui de localização da população Kapenda e cruzar informações com outras obras podemos perceber como a oralidade e a ancestralidade são elementos importantes na manutenção do poder político na região. Segundo Manuela Cantinho Pereira (2012), a política de casamento da chefia dessa região, Mona Samba Mahango, era pautada na transmissão feminina de poder, sendo que os filhos levavam o título da mãe (Mona) e o homem era o elemento móvel no casamento⁴. Isso fica mais evidente a partir da observação do croqui e do cruzamento de informações com a obra de Henrique de Carvalho.

Fotografia 1 – No centro da fotografia, Mona Samba Mahango



Fonte: (Castro, 1905)⁵

No contexto da expedição portuguesa na região, os filhos de Mona Samba Mahango ocupavam posições de liderança em seus territórios específicos, enquanto um deles liderava com o título de Kapenda Kamulemba junto à Mona na aldeia principal. Essa aldeia aparece com a nomenclatura Mona Samba no croqui. Os demais filhos da Mona aparecem como Mona Mucanzo, Mona Candala, Mona Caianvo e Mona Mucambo, espalhados por um

⁴ Segundo Manuela Cantinho Pereira, “Samba Mahango pôde escolher livremente o seu marido – pertencente até uma classe inferior –, mas tratava-se de um marido temporário: após o nascimento do segundo filho, o marido, entretanto honrado com um título, teve de abandonar a mãe de seus filhos e a sua residência e fundar, num local indicado por ela, a sua própria aldeia. PEREIRA, Maria Manuela Cantinho. *Memórias de um explorador*. A colecção Henrique de Carvalho da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 2012, p. 209.

⁵ CASTRO, Veloso. *Tipos Maxinje - Soba Mona Mahango*. 1905. Disponível em: <https://ahm-exercito.defesa.gov.pt/details?id=159245>. Acesso em: março de 2026.

extenso território a leste e a norte da povoação de Mona Samba até a fronteira natural com o rio Uhamba.

Desenho 1 – Representação da travessia do rio Uhamba pela expedição portuguesa



Fonte: (Carvalho, 1892, p. 175)⁶

A divisão de poder entre as lideranças Kapenda, portanto, pode ser compreendida nos termos do matriarcado. Ao tratar da sua tese, a antropóloga Ifi Amadiume (2025), estabelece uma relação importante sobre o matriarcado no continente africano:

Minha principal problemática neste capítulo é a teorização do incômodo conceito de matriarcado, como um sistema totalitário – isto é, o regime total que governa uma sociedade –, mas enquanto um sistema estrutural em justaposição com outro em uma estrutura social⁷.

Assim podemos entender Mona Samba Mahango como um sistema estrutural para o matriarcado Kapenda, inclusive realizando tratados políticos com os portugueses e legitimando o poder do seu filho Mucanzo na disputa pelo título de Kapenda Kamulemba com seu tio Quilelo.

No transito fallou-nos na intenção de comprar armas e pólvora em Malanje para ir guerrear Quilelo, que se apoderára do lugar de Capenda que lhe pertencia, e o qual já contava que Caianvo, seu irmão, lhe succedesse. E para esta guerra, dissenos Jayme, que na ocasião era o interprete, Mucanzo desejava um *xinele*⁸ como o que Muene Puto deu ao senhor capitão!⁹

A justaposição desses poderes, a partir do sistema de status baseado no parentesco com a Mona, estabelece uma confluência de lideranças. Apesar de contar com organizações sociopolíticas bem delimitadas, segundo Ifi Amadiume, os teóricos evolucionistas vão

⁶ CARVALHO, Henrique A. D. de. *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua*. Descrição da viagem..., p. 175.

⁷ AMADIUME, Ifi. Teorizando o matriarcado na África: sistemas e ideologias de parentesco na África e na Europa. In: OYÊWÙMÍ, Oyèrónke (org.). *Estudos africanos de gênero*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes; Itaú Cultural; Fundação Tide Setubal, 2025, p. 144.

⁸ No contexto da expedição, o intérprete Augusto Jayme explica *xinele* como uma “condecoração” ou “signal”. Para acessar a descrição de Henrique de Carvalho sobre a conversa com Mucanzo, ver: CARVALHO, Henrique A. D. de. *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua*. Descrição da viagem..., p. 149.

⁹ CARVALHO, Henrique A. D. de. *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua*. Descrição da viagem..., p. 149.

classificá-las como involuídas. Ao generalizaram a história da Europa eles vão postular a ideia de progresso partindo do “barbarismo e da selvageria em promiscuidade primitiva sexual, passando pela descendência matrilinear, o matriarcado e o direito das mães e, por fim, chegando ao imperialismo masculino no patriarcado, a monogamia e a família nuclear”¹⁰.

Para o contexto de implementação do colonialismo na África essa perspectiva foi muito útil aos europeus, já que poderiam explorar os Kapenda e a Lunda sob o viés de levar o progresso para essas populações. O major português enfatiza o potencial comercial que a região traria aos portugueses se fosse anexada, já que contava com bens materiais como marfim, sal, cera e borracha¹¹. Além disso, a região Kapenda estava em uma posição estratégica, permitindo o controle do comércio da Lunda pela sua proximidade na direção oeste com o rio Kwango e seus afluentes.

Portanto, diante dos dados sobre o sistema político e social que envolve Mona Samba Mahango e seus filhos, bem como do potencial econômico e comercial da região, enfatizamos a importância de relativizar junto aos estudantes a dualidade entre civilização e barbárie empregada pelo projeto colonial português no território Kapenda.

3. INTERPRETANDO CROQUIS EM SALA DE AULA

Por meio do caderno de campo e de bibliografias sobre o Ensino de História, pensamos a estrutura que rege o currículo hegemônico vigente nas escolas parceiras do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Nesse sentido, observamos que a Educação Básica tem direcionado os estudantes à conhecimentos empíricos, como vistos nos Itinerários Formativos “espelho, espelho meu... como eu me vejo?” (Caderno de campo, 10/03/25) e “que lugar eu ocupo?” (Caderno de campo, 31/03/25). Por isso, propomos uma sequência didática em que o Ensino de História da África esteja alinhado com a valorização do conhecimento teórico, que é enfatizado no estudo das estruturas sociais e políticas que constituem o território Kapenda.

Nessa perspectiva, para Michael Young (2011), o primeiro argumento que surge para criticar o conhecimento teórico na escola é o de que “qualquer forma de currículo centrado em disciplinas continuará a discriminar os menos favorecidos e, principalmente, os alunos da

¹⁰ AMADIUME, Ifi. Teorizando o matriarcado na África..., p. 147.

¹¹ Na obra em questão, Henrique de Carvalho tenta convencer o Ministro da Marinha e do Ultramar de Portugal de que o território Kapenda precisa ser ocupado pelos portugueses devido a seus recursos valiosos. CARVALHO, Henrique A. D. de. *Memória. A Lunda ou os Estados do Muatiânvua - domínios da soberania de Portugal*. Lisboa: Adolpho, Modesto & Cia., 1890, p. 387.

classe trabalhadora e de minorias étnicas”¹². Por isso, o que tem se observado é a inserção de Itinerários Formativos, como o chamado Projeto de Vida, que tem em suas temáticas conteúdos relacionados ao cotidiano do estudante.

No entanto, identifica-se que o objetivo de atrair os estudantes das classes populares para as escolas, por meio de um currículo empírico, parece ter falhado, visto que o fracasso escolar nas escolas que priorizam este currículo tem aumentado. Magna Damiana (2006) observa que os fatores como grupo étnico, renda familiar, número de irmãos, escolaridade dos pais e tipo de moradia apresentam certa relevância para o abandono escolar, mas destaca que “a escola que apresentava maiores taxas de fracasso era caracterizada por um discurso pedagógico regulativo (assistencialista)”¹³. Por isso, cabe ao docente pôr em relevo os conhecimentos que sua disciplina proporciona através de adaptações ao currículo hegemônico.

Visando proporcionar aulas em que o estudante seja capaz de compreender criticamente as populações africanas, por meio da observação atenta ao croqui, traremos as metodologias propostas para a sequência didática.

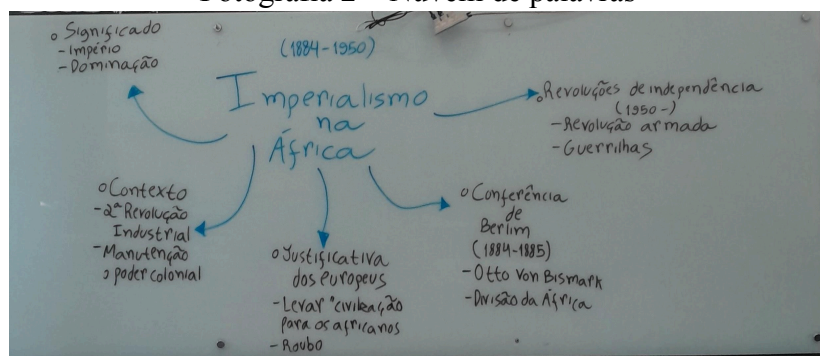
Propomos que a sequência didática comece a partir de uma nuvem de ideias, onde o docente pode mapear o conhecimento prévio dos alunos a respeito do colonialismo europeu na África. Algumas das perguntas para começar o exercício são:

- “O que significa imperialismo?” (vem de império e tem relação com dominação militar, econômica e cultural);
- “O que difere o imperialismo de uma democracia?” (fazer referência a pergunta anterior);
- “você acham que os países que se auto declaram civilizados tinham o direito de colonizar?”.

¹² YOUNG, Michael. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. *Revista Brasileira de Educação*: v. 16, n. 48, 2011, p. 610.

¹³ DAMIANI, Magda Floriana. *Discurso pedagógico e fracasso escolar*. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 53, p. 457–478, out./dez. 2006, p. 457.

Fotografia 2 – Nuvem de palavras



Fonte: (Andrade, 2026)

Espera-se que a atividade tenha duração aproximada de 15 minutos.

Em seguida, o professor deve apresentar o contexto de elaboração do conceito de civilização, associando ao Iluminismo. Para estabelecer a exposição, que pode durar aproximadamente 35 minutos, alguns recortes do estudo de Jean Starobinski (2001), no capítulo “A palavra ‘civilização’” de seu livro *As máscaras da civilização: ensaios*, devem ser apresentados. É necessário que a explicação deixe evidente que o conceito surgiu na França do final do século XVIII como um neologismo para designar a área civil na jurisprudência (leis). Somente nos princípios do século XIX é que o sentido conhecido hoje, ou seja, o sentido “moderno”, começou a aparecer para se referir ao “desenvolvimento da atividade social e o da atividade individual, o progresso da sociedade e o progresso da humanidade”¹⁴. Dessa forma, o conceito de civilização é inseparável da ideia de progresso.

Por isso, o professor deve destacar que o Iluminismo, ao delimitar um ideal de sociedade civilizada, inaugurou a linha do tempo tão falada em livros didáticos e em aulas de história. Starobinski evidencia esta discussão ao tratar “a teoria dos quatro estágios de organização das sociedades humanas”¹⁵, elaborada pelos estudiosos da época. Nessa perspectiva, a linha do tempo seria composta por diferentes “etapas” baseadas na atividade econômica e de subsistência, sendo elas: “selvagens (vivendo de coleta e de caça), pastores nômades, agricultores sedentarizados e, por fim, nações industriais e comerciantes”.

Em seguida, é necessário problematizar o conceito como um viés estabelecido para sustentar a pilhagem colonial no continente africano. Assim como ressalta Starobinski, ao citar o manuscrito do marquês de Mirabeau (1768), intitulado de *L'Ami des femmes, ou Traité de la civilisation*:

¹⁴ STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 15.

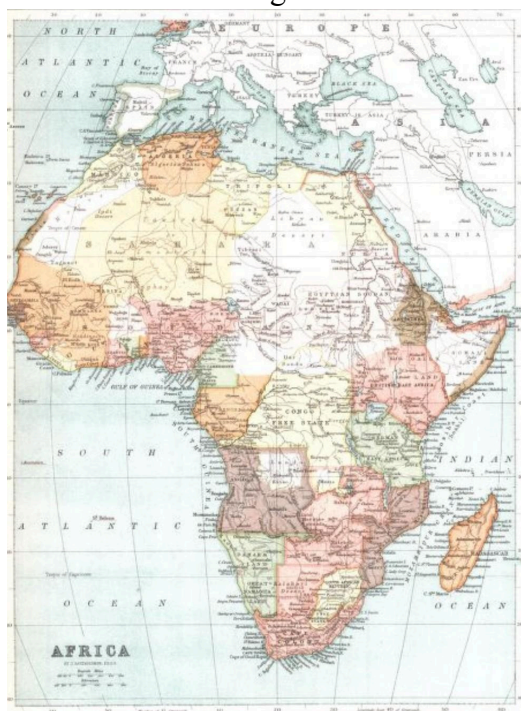
¹⁵ STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização...*, p. 16.

O plural [de civilização] dá a entender que as diferentes nações da Europa contemporânea têm cada uma sua civilização própria, mas que, em vez de abolir a violência das sociedades primitivas, lhes perpetua a brutalidade sob aparências enganadoras. Em lugar de uma barbárie de face descoberta, as civilizações contemporâneas exercem uma violência dissimulada¹⁶.

A segunda etapa, a análise da fonte em grupo, pode durar 50 minutos. Aqui, pretende-se que os estudantes coloquem em choque a epistemologia colonial europeia com o matriarcado Kapenda. Para isso, o professor deve conduzir a observação do croqui *Expedição Portuguesa ao Muata Yanvo: croquis do Itinerário seguido pela expedição do Cuango ao Cuilo e ramificações ao Nizavo e Mu-Shá-éla em diligências de carregadores*.

Os recursos necessários para a aula incluem cópias do trecho do croqui referente ao território de Mona Samba Mahango, bem como um mapa em escala maior para que os estudantes identifiquem a Lunda no continente africano. O professor deve questionar os alunos sobre a intencionalidade do autor da fonte para despertar o senso crítico desde o início da análise.

Mapa 1 – Mapa da África de 1891 em que a Lunda aparece em destaque com relação à Angola



Fonte: (Smith, 1891)¹⁷

¹⁶ MIRABEAU, 1768 *apud* Starobinski, 2001. In: *As máscaras da civilização...*, p. 19.

¹⁷ SMITH, H. S.. *Africa*. 1891. Disponível em: <https://share.google/oIrXamQBP7GDRLBpw>. Acesso em: março de 2026.

Para a análise da fonte, o professor deverá dividir a turma. Após a entrega e contextualização a partir do mapa do continente africano, o docente pode fazer as seguintes perguntas aos estudantes para conduzir o exercício:

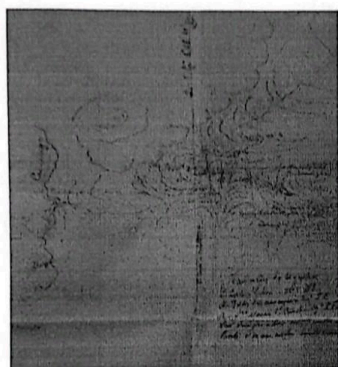
- “O que te chama mais atenção no croqui?”;
- “Por que vocês acham que Portugal tinha interesse no território Kapenda?” (o território tornou-se interessante para Portugal pois detinha reservas de marfim, sal, cera e borracha, além de permitir um controle estratégico das rotas comerciais que vinham do interior da Lunda);
- “Quem vocês acham que era Mona Samba Mahango? Existem outras pessoas com este título de poder no mapa?” (Mona Samba Mahango era a chefia central dos Kapenda sendo responsável pela manutenção do poder político na região. Seus filhos também recebem o título de Mona e lideram outras povoações a norte e a leste da aldeia central);
- “Segundo as informações do croqui, o território tinha muitas riquezas? Se sim, quais?” (a representação gráfica fornece informações sobre grandes florestas, alta variedade de rios e vastas regiões habitadas).

Com a observação guiada pelas perguntas, espera-se que os estudantes percebam que a população Kapenda tinha formações políticas, sociais e econômicas específicas, organizadas pela oralidade e ancestralidade, mas que não anulam a importância das lideranças locais, que praticavam diplomacia, estabeleciam tratados e controlavam territórios. Dessa forma, ajudando a questionar a ideia de que a África está "fora da História".

A etapa final da aula, com cerca de 50 minutos, consolida o aprendizado. O aluno da Educação Básica deverá produzir uma carta à Henrique de Carvalho em que sejam apresentados argumentos em defesa dos Kapenda no contexto da Conferência de Berlim (1884-1885). O professor deve orientar os grupos a descreverem os elementos que observaram no croqui. A carta poderá ser feita a partir do próprio material do estudante, como uma folha e caneta. A avaliação é feita através da análise da qualidade do trabalho produzido na atividade pelos alunos e do debate que se segue, verificando se os estudantes foram capazes de aplicar a observação crítica aprendida na segunda etapa.

Fotografia 3 – Argumentos do estudante em defesa dos Kapenda

2 - Com base no que foi abordado em aula e nas imagens abaixo: apresente argumentos em defesa da política e da forma de organização social da população Kapenda, buscando evitar que ela seja alvo da "partilha da África".



(b) Eles eram muito bem organizados no modo de viver, suas aldeias produziam cera, marfim, Gostochas vendiam para outras nações, com isso não dependiam de outras civilizações para ser um lugar melhor para se viver.

Croqui de Henrique Augusto Dias de Carvalho sobre a região entre os rios Cuango e Cuanza. Está anexado junto a uma comunicação relativa ao mês de Março de 1885 e foi endereçado ao Ministro da Marinha e do Ultramar, Manuel Joaquim Pinheiro Chagas. Col. Arquivo Histórico Ultramarino.

Fonte: (Andrade, 2025)

Objetivos de Aprendizagem:

Ao final da aula, o(a) aluno(a) deverá ser capaz de:

- Compreender as estruturas sociopolíticas da população Kapenda;
- Compreender criticamente o conceito de civilização;
- Utilizar o conhecimento teórico (História) como ferramenta para a compreensão complexa e crítica das estruturas sociais;
- Comparar a narrativa oficial do arquivo com as experiências Lundas do período;
- Produzir uma narrativa alternativa, exercitando o protagonismo de sujeitos históricos não hegemônicos.

Público-Alvo Sugerido: 3º ano do Ensino Médio.

Duração Estimada: 3 Aulas (150 minutos).

Tabela Analítica

Etapa	Atividades	Recursos/Materiais	Avaliação/Produto Final
Etapa 1: Nuvem de ideias (15min) e problematização do conceito (35min)	Apresente o conceito de Imperialismo e pergunte aos estudantes o que eles sabem, conforme as perguntas sugeridas. Em seguida, contextualize o Imperialismo europeu na África, bem como apresente a problematização.	Quadro.	Respostas orais para verificar o conhecimento prévio dos estudantes.
Etapa 2: Análise em Grupo (50min)	Divida a turma em "grupos de análise" do croqui. Peça aos alunos para responderem as perguntas-chave, conduzindo para a identificação dos elementos políticos, sociais e econômicos dos Kapenda.	Cópia impressa do trecho do croqui referente à Mona Samba. Quadro de Perguntas-chave.	Destaque de elementos gráficos que apresentam características das formações políticas, sociais e econômicas dos Kapenda.
Etapa 3: Produção Final (50 min)	Oriente os grupos a criarem uma carta direcionada à Henrique de Carvalho em defesa dos Kapenda na Conferência de Berlim.	Folhas e canetas.	Carta destacando os pontos importantes da organização Kapenda.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, esperamos ter demonstrado a relevância do uso da documentação de Henrique de Carvalho sobre a Lunda, em especial o croqui de localização, para o ensino de História da África no Ensino Básico. Assim, buscamos contribuir com a Lei 10.639/03 ao abordar temáticas africanas sob um viés não eurocêntrico e ao enfrentar a falta de fontes disponíveis para o contexto escolar. A proposta didática permite ao professor trabalhar criticamente a população Kapenda e o discurso colonial, destacando a complexidade social, política e econômica de sujeitos antes invisibilizados.

Para tanto, a observação atenta e crítica ao croqui é essencial e visa desestruturar narrativas eurocêntricas, assim valorizando o conhecimento disciplinar. O estudante poderá compreender o matriarcado Kapenda a partir da fonte que demonstra uma rede política estabelecida por Mona Samba Mahango e seus filhos, além da riqueza de bens comerciais que pode ser discutida pelo professor. Dessa forma, espera-se que o aluno veja o continente africano não só como um acessório da história europeia, mas como um continente rico em sistemas sociopolíticos próprios.

REFERÊNCIAS

AMADIUME, Ifi. Teorizando o matriarcado na África: sistemas e ideologias de parentesco na África e na Europa. In: OYÊWUMÍ, Oyèrónke (org.). *Estudos africanos de gênero*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes; Itaú Cultural; Fundação Tide Setubal, 2025.

ANDRADE, Lucas. *Caderno de campo*. Escola Estadual Dr. Emílio Silveira. 2024-2025.

CARVALHO, Henrique A. D. de. *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua*. Descrição da viagem á Mussumba do Muatiânvua pelo chefe da expedição Henrique Augusto Dias de Carvalho. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892, vol. II (Do Cuango ao Chicapa).

CARVALHO, Henrique A. D. de. *Memória*. A Lunda ou os Estados do Muatiânvua - domínios da soberania de Portugal. Lisboa: Adolpho, Modesto & Cia., 1890.

CASTRO, Veloso. *Tipos Maxinje - Soba Mona Mahango*. 1905. Disponível em: <https://ahm-exercito.defesa.gov.pt/details?id=159245>. Acesso em: março de 2026.

Croqui de Henrique Augusto Dias de Carvalho sobre a região entre os rios Cuango e Cuengo. Está anexado junto a uma comunicação relativa ao mês de Março de 1885 e foi endereçado ao Ministro da Marinha e do Ultramar, Manuel Joaquim Pinheiro Chagas. Col. AHU.

DAMIANI, Magda Floriana. *Discurso pedagógico e fracasso escolar*. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 53, p. 457–478, out./dez. 2006.

M'BOKOLO, Elikia. Os “reinos da savana”. In: *África negra: história e civilizações*. São Paulo: Casa das Áfricas, 2009, p. 550-566.

NÓBREGA, Maria Luiza Sardinha de. *Geografia e Educação Infantil: os croquis de localização – um estudo de caso*. São Paulo: Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 2007.

PEREIRA, Maria Manuela Cantinho. *Memórias de um explorador: A colecção Henrique de Carvalho da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 2012.

RIBEIRO, Elaine. *Barganhando sobrevivências: os trabalhadores da expedição de Henrique de Carvalho à Lunda (1884-1888)*. São Paulo: Alameda, 2013.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

YOUNG, Michael. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. *Revista Brasileira de Educação*: v. 16, n. 48, 2011.

Declaração de contribuição dos autores

Lucas Ribeiro de Andrade: redação - rascunho original, análise formal, conceitualização e investigação

Elaine Ribeiro: aquisição de financiamento, administração do projeto, supervisão, validação e escrita-revisão e edição

Vitória Massami Kikuti: conceitualização, validação e escrita-revisão e edição

Isaac Marques de Souza Garcia: conceitualização, validação e escrita-revisão e edição

Declaração de conflito de interesse

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

Declaração de disponibilidade de dados

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi disponibilizado em Mukanda Histórica Digital e pode ser acessado em <https://app.unifal-mg.edu.br/historiadigital/>.

Declaração de uso de IA

Declaramos que a redação do presente trabalho contou com o suporte da Inteligência Artificial modelo Gemini 3.1 Pro, sob licença institucional da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), exclusivamente para revisão de linguagem: melhoria da gramática, ortografia, clareza e estilo do texto. Toda supervisão, validação e autoria intelectual do artigo são de responsabilidade das autoras humanas.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.